

“TÁ RINDO DE QUÊ?”: O GÊNERO *MEME* E A RECONFIGURAÇÃO DO RACISMO NO AMBIENTE VIRTUAL

Adeilma Machado dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a configuração do racismo no ambiente virtual, através do *meme nego*. Para tanto, utilizamos como categoria de análise Racismo Recreativo do autor Adilson José Moreira (2019). Segundo o autor, o humor racista é um tipo de discurso de ódio, um tipo de mensagem que comunica desprezo e condescendência por minorias raciais. Para tanto, fizemos um recorte de 5 (cinco) figuras a fim de tentar mostrar como o racismo encontra novas formas de dominação ao longo de cada século. A nossa pesquisa possui um caráter bibliográfico e qualitativo. Como fundamentação teórica, além de Moreira (2019), nossa pesquisa funda-se em Bakhtin (2010), Almeida (2018), Marcuschi (2005), entre outros.

Palavras-chave: Memes, Racismo Recreativo, Redes sociais.

Introdução

O surgimento dos gêneros discursivos está condicionado à indispensabilidade comunicativa, o que quer dizer que eles nascem a partir da necessidade de interagir nos ambientes sociais, sendo impossível transitar pelos espaços sociais sem que se faça uso de algum gênero, seja oral ou escrito, visto que eles estão por toda parte.

De acordo com Marcuschi (2005, p. 19), os gêneros são “entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”, sendo moldados a partir de eventos históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, compreende-se que, se é a sociedade quem manipula e faz uso dos gêneros, a partir do momento que ela evolui, os gêneros também tendem a evoluir; demonstrando o seu caráter mutável e dinâmico. Assim, os gêneros discursivos podem se modificar, desaparecer, surgir ou ganhar novos contornos de acordo com o suporte em que são veiculados e, também, de acordo com o desenvolvimento tecnológico.

O estudo dos gêneros discursivos teve como maior expoente o filósofo da linguagem Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), o qual elevou o estudo da palavra ao estudo dos gêneros, conformando-os como pertencentes à esfera de uso da linguagem verbal,

¹ Mestre em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail para contato: adeilma_santos@hotmail.com.

materializando a língua, evidenciando-a, portanto, enquanto um organismo vivo. Nesse sentido,

a riqueza e diversidade dos gêneros discursivos é imensa, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera. (BAKHTIN, 1982, p.248)

Ainda de acordo com Bakhtin (2010[1992]), embora tenhamos incontáveis gêneros circulando no meio social, seu estudo não é arbitrário, visto que os gêneros carregam em si três características cruciais para que sejam organizados e estudados como objeto de pesquisa, a saber: conteúdo temático (referente ao assunto que é tratado e veiculado); estilo (referente às escolhas linguísticas priorizadas na forma do dizer) e a construção composicional (referente ao padrão estrutural da sua composição).

Diante disso, como desdobramento dos seus estudos acerca dos gêneros, o teórico divide-os em gêneros discursivos primários (aqueles voltados para a comunicação cotidiana) e gêneros secundários (aqueles voltados para a comunicação a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita). Nesse sentido, a linguagem cotidiana e familiar estariam para os gêneros discursivos primários, assim como o teatro, discurso científico e romance estariam para os gêneros discursivo secundários.

Desta forma, é necessário pensar os gêneros discursivos como elementos de comunicação os quais não são aprendidos através de regras ou adquiridos em manuais, mas assimilados em processos interativos na comunicação diária, o que permite que, quanto mais o falante conheça tais formas discursivas, mais seja favorecido nos espaços sociais. Por conseguinte, de acordo com Machado (2017, p.158 apud BRAIT, 2017),

antes mesmo de se reconfigurar como terreno de produção de mensagens, os gêneros são elos de uma cadeia que não apenas une como também dinamiza as relações entre pessoas ou sistemas de linguagens e não apenas entre interlocutor e receptor.

Diante disso, é imprescindível sinalizar que os gêneros discursivos não podem ser pensados fora da dimensão espaço-tempo, isso porque os gêneros, nascidos nas esferas sociais, nas trocas interacionais cotidianas, movimentam sentidos para além do presente imediato de sua realização. Ou seja, eles abrigam em si uma existência, sobretudo cultural, alimentada pelo tempo e, conseqüentemente, pela memória criativa; o que leva-nos a concluir que “os gêneros se constituem a partir de situações cronotópicas particulares e também

recorrentes, por isso são tão antigos quanto as organizações sociais” (MACHADO, 2017, p.159 apud BRAIT, 2017).

Por conseguinte, pode-se compreender que, pelo fato dos gêneros discursivos movimentarem sentidos, eles carregam em si fios ideológicos. Para o Círculo de Bakhtin, “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sócio-culturais” (VOLOSHINOV, 1998, p.107 apud MACHADO, 2017, p. 169). Isso nos mostra que a tomada ideológica não se trata de uma falsa consciência ou um pensamento desmotivado, ao contrário disso, a ideologia é uma tomada de posição determinada.

Assim, a nossa pesquisa busca analisar a configuração do racismo no ambiente virtual, através de cinco ocorrências do *meme nego*, o qual possui grande espaço no ambiente virtual. A motivação da pesquisa surge da inquietação em compreender tais memes como veiculadores de discursos preconceituoso, os quais vão se ramificando no imaginário e nas práticas sociais, favorecendo a perpetuação do racismo.

Para isso, utilizamos como fundamentação teórica principal a categoria *Racismo Recreativo*, cunhada pelo doutor em Direito Adilson José Moreira. Na sua obra recente, o pesquisador elabora um pensamento crítico acerca de como o racismo é capaz de se entranhar nas práticas cotidianas de forma naturalizada e como ele acaba sendo consumido através do humor. Como tal, o racismo passa despercebido pela massa e vai se perpetuando ao longo dos tempos, assumindo diversas formas de acordo com o seu projeto de dominação.

A nossa pesquisa possui um cunho bibliográfico, o qual, segundo Gil (2008) parte de pesquisas profícuas acerca da temática, a fim de subsidiar favoravelmente nossas pesquisas. Além disso, ela assume um caráter qualitativo, tendo em vista que busca analisar, oferecer um parecer acerca de determinado recorte temático.

1.1 O *meme* no contexto dos gêneros discursivos

O conceito de *meme*, embora elaborado pelo biólogo evolutivo Richard Dawkins, no livro *Gene egoísta* (2007), não foi pensado como gênero discursivo, visto que na obra o autor desenvolve a análise de que algumas espécies animais desenvolvem o altruísmo como forma – egoísta – de perpetuação da espécie. Diante disso, o *meme* seria o gene replicador da memória e do conhecimento, das ideias e representações que o ser humano tende a transferir, de forma consciente, aos seus descendentes. Tal conceito foi reelaborado para o estudo dos gêneros, uma vez que, na *cibercultura*, os *memes* são responsáveis por se espalharem e espalhar

rapidamente informações e conteúdo, muitos deles de baixa qualidade por se tratar de produções amadoras.

Compreendendo os gêneros discursivos como formas estruturais, linguísticas e temáticas específicas, assim como evidenciando a sua necessidade para as emergências comunicativas, consideramos o *meme* um gênero discursivo, posto que surge no cenário discursivo e comunicacional a partir dos avanços tecnológicos e a partir da necessidade de unir breve conversação a humor. Embora Bakhtin e seu Círculo não tenham deixado contribuições acerca desse gênero, devido à sua contemporaneidade, é possível hoje buscarmos uma reelaboração e adaptação do pensamento bakhtiniano para as novas construções discursivas.

A fim de situar o gênero discursivo *meme* no contexto do pensamento bakhtiniano, podemos utilizar os três critérios de análise – *conteúdo/temático*, *estilo verbal*, *construção composicional* – com o intuito de solidificar a análise do nosso *corpus*, o qual será aprofundado adiante.

No que diz respeito ao primeiro critério, *conteúdo temático*, o *meme* carrega em si temas do cotidiano, em que assuntos como futebol, moda, relacionamentos amorosos ou fraternais ganham espaço nesse universo de entretenimento que se quer leve, tendo em vista que os fatos do dia a dia são a matéria, quase sempre, da sua comunicação.

O segundo critério, *estilo verbal*, refere-se à linguagem que se quer utilizar, ao léxico pertinente a fim de favorecer um equilíbrio temático e linguístico. No caso do *meme*, as escolhas lexicais quase sempre estão no nível coloquial – termos, muitas vezes, vulgares – uma vez que elas referem-se à posição enunciativa do enunciador, assim como à rapidez que se deseja que determinado discurso seja assimilado pelo outro da comunicação.

Por fim, *construção composicional* relaciona-se à estrutura do gênero, a forma típica capaz de proporcionar relativa estabilidade ao gênero, além de proporcionar legitimidade ao seu enunciado. Todos os gêneros que circulam na nossa sociedade possuem uma linguagem, uma função e uma estrutura específicas que fazem com que ele seja conhecido e manipulado pelos falantes.

No caso do *meme*, a sua estrutura apresenta variações, uma vez que podem surgir *memes* apenas de imagens, textos verbais ou imagens e textos verbais. Contudo, é pertinente salientar que a sua compreensão enquanto um evento *memético* está atrelada ao fato da associação entre a leitura do interlocutor e imagens, fatos ou qualquer outro elemento da vida cotiada inserido no *ciberespaço*.

Desta forma, compreendemos que os *memes* são gêneros relativamente novos e, como são veiculados nas redes sociais, podem mudar na mesma velocidade em que a tecnologia se altera, possibilitando, sobretudo, que eles assumam características distintas, dependendo do lugar de circulação.

Em redes sociais como o *Instagram* e o *Facebook*, por exemplo, os *memes* aparecem na forma de quadrinhos, com figuras aparentemente desenhadas no próprio programa de computador, caracterizando-se por um desenho amador. Já no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, o *meme* assimila *emoticons*, imagens de lugares e textos breves, recortes de rostos de personalidades, de anônimos, além de favorecer a inserção da autoimagem, as chamadas “figurinhas”. É como se o usuário entrasse, efetivamente, no mundo virtual, capturado nos seus mais desavisados momentos de descontração a fim de se comunicar através do humor. Para Pessi (2015 apud ARAÚJO, 2019),

os memes de internet referem-se às informações espalhadas rapidamente pela internet na forma de vídeo, imagem, hashtag, palavra ou frase, por meio de redes sociais e blogs, que se tornam populares, se postulando como linguagens dinamizadas com intensa replicação, especialmente nas redes sociais.

Portanto, o *meme*, por se tratar de um gênero discursivo que parodia cenas do cotidiano e imagens, transita no ambiente virtual, replicando rapidamente mensagens de teor risível, mas também discursos de cunho pejorativo e viés preconceituoso. Isso porque a natureza sígnica dos gêneros e, por conseguinte, da linguagem humana, estabelece uma relação dialógica característica do contexto de interação, permitindo a movimentação intersubjetiva no que diz respeito à simbiose entre cultura e linguagem.

Desta forma, apresentamos adiante o nosso recorte de análise, que tem como *corpus* seis *memes* (figurinhas), aos quais chamaremos de *meme nego*, a fim de compreender como eles movimentam discursos preconceituosos, reconfigurando novas formas de práticas racistas sob a égide do humor. Para isso, utilizaremos a categoria *racismo recreativo*, do autor Adilson Moreira (2019).

2. O *meme nego*: uma análise da movimentação dos discursos racistas no ambiente virtual

De acordo com Hall (2016), representar faz parte das práticas sociais. Foram as representações que favoreceram o avanço imperialista sobre a África, uma vez que elas criaram no imaginário social a imagem desse outro estereotipado. Isso porque a estereotipagem “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (2016, p.191), sendo cruciais para se traçar um perfil da barbárie, da degeneração, da falta de inteligência, respaldando uma nova colonização nos países africanos. Estereotipar, nesse caso, é naturalizar, reduzir meramente à natureza instintiva, o que faz do colonizador o civilizado e da África o Outro, não civilizado, sem história e memória.

É com base nessa representação reducionista da barbárie que a história do negro encontra-se arraigada. Para o doutor em Filosofia Sílvia Almeida (2018), o teor filosófico transformou o homem europeu no “Homem Universal”, uma vez que ele é o principal objeto do Iluminismo no séc. XVIII, sendo configurado em oposição ao primitivo. Desta forma, o colonialismo foi a tentativa de se levar a “civilização” ao “primitivo”. Mais tarde, no século XIX, com o Positivismo, o homem, que antes era objeto filosófico, agora torna-se objeto científico.

Já no Brasil, a escravidão negra calcificou o racismo no cotidiano e a configuração desse outro bestializado trouxe consequências extremamente negativas para a comunidade negra no pós-abolição, chegando até nossos dias. No livro *Racismo Recreativo*, Adilson Moreira, citando Omi e Winant, afirma que “o racismo é uma ideologia e uma prática que está em constante transformação, razão pela qual ele pode assumir diferentes formas em diferentes momentos históricos” (p.40). Isso mostra que cada época reconfigura novas formas de racismo e, sempre que determinada forma é questionada, surgem outras de acordo com o projeto de dominação que se pretende estabelecer, o que faz do racismo um processo dinâmico.

A partir disso, Moreira (2019) elabora o conceito de racismo recreativo para designar uma política cultural que se apropria do humor racista para propagar preconceitos e hostilidade em relação às minorias raciais. Nesse sentido,

O racismo recreativo existe dentro de uma nação altamente hierárquica e profundamente racista que formulou uma narrativa cultural de cordialidade racial. Ele reproduz estigmas raciais que legitimam uma estrutura social

discriminatória, ao mesmo tempo que encobre o papel essencial da raça na construção das disparidades entre negros e brancos.²

Outra concepção pertinente a respeito do racismo é cunhada por Almeida (2018), a qual diz que

O racismo não é um ato ou um conjunto de atos e tampouco se resume a um fenômeno restrito às práticas institucionais; é, sobretudo, um processo histórico e político em que as condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos racializados é estruturalmente reproduzida.

Com base na concepção de racismo e racismo recreativo, o humor torna-se o veículo de propagação de comportamentos e discursos racistas, tendo em vista que esse humor, não apenas serve para entreter pessoas brancas, mas para perpetuar a ideia de que pessoas brancas podem ocupar lugares de prestígio social. Diante disso, utilizamos cinco *memes*, os quais chamaremos *meme nego* para ilustrar como o racismo recreativo se comporta nas práticas sociais e o seu reflexo para a comunidade negra, assim como para a sociedade brasileira.

2.1 *meme nego*: o humor a serviço do racismo recreativo

O *meme* em questão funda-se numa reiteração discursiva. Ele une texto verbal e não verbal na composição de seus significados. A cada nova imagem associada ao texto verbal, que é sempre recorrente, há uma ressignificação discursiva, mas que todas apontam para a degradação moral do negro na cultura brasileira. Isso porque esses *memes* promovem a movimentação de discursos históricos, científicos, sociais que estereotipam a comunidade negra no imaginário brasileiro. A fim de ilustrarmos de que modo o racismo recreativo objetiva legitimar lugares de inferioridade para a comunidade negra, ratificando estereótipos negativos, seguiremos agora à análise do nosso *corpus*.

² Entrevista cedida à Carta Capital, disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/adilson-moreira-o-humor-racista-e-um-tipo-de-discurso-de-odio/>>. Acesso em: 01/10/19.

Figura 1: ainda tem nego que acredita



(Disponível em: < <http://imagenscomentariosfacebook.blogspot.com/2015/04/nego-memes-parte-1.html>>. Acesso em: 01/10/19)

Nesta imagem vemos que o autor associou a figura mítica do Papai Noel, a qual encontra-se delineada no imaginário social como o bom velhinho, remontando à fantasia, inocência. A imagem movimenta o discurso do negro ingênuo, com pouca ou nenhuma capacidade intelectual, crédulo, capaz de se deixar levar por qualquer discurso que se diga. A ausência da capacidade crítica favorece uma imagem passiva e inerte da comunidade negra, como se os brancos fossem perspicazes, inteligentes, críticos e os negros o oposto disso.

Figura 2: Nego não aprende



(Disponível em: < <http://imagenscomentariosfacebook.blogspot.com/2015/04/nego-memes-parte-1.html>>. Acesso em: 01/10/19)

Na imagem 2, vemos uma criança negra em frente a um quadro, no ambiente sala de aula. Na ocasião, a criança, com a fisionomia visivelmente alterada, tenta resolver um cálculo matemático de subtração (30-28), mas equivocou-se e errou ao oferecer o resultado 18, onde deveria ser 2. A construção do texto leva à ideia de que o negro não possui cognição suficiente para resolver uma simples subtração e, mais ainda, mostra-se incapaz de apreender qualquer conteúdo. Portanto, vemos uma relação de similaridade entre as figuras 1 e 2.

Figura 3: Nego fala demais



(Disponível em: < <http://imagenscomentariosfacebook.blogspot.com/2015/04/nego-memes-parte-1.html>>. Acesso em: 01/10/19)

Na figura acima, vemos Martin Luther King (1929-1968) e na legenda “nego fala demais”. O norte americano Luther King ficou mundialmente conhecido devido seus discursos contra discriminação racial e a favor dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Como observado, o texto-legenda na imagem de Luther King procura diminuir o espaço e a voz da comunidade negra ao levar à interpretação de que o negro fala muito, reivindica demais, sem necessidade o que, de acordo com o texto, é um aspecto negativo.

Figura 4: Nego não se enxerga



(Disponível em: < <http://imagenscomentariosfacebook.blogspot.com/2015/04/nego-memes-parte-1.html>>. Acesso em: 01/10/19)

Na imagem 4, vemos o cantor Stevie Wonder com a legenda “nego não se enxerga”. Percebemos que a legenda possui um tom pejorativo que é potencializado pelo fato do enunciado racista estar associado à deficiência visual do cantor. Nesse sentido, observamos que imagem e enunciado foram pensados de modo a favorecer a interpretação de que a comunidade negra não se enxerga, ou seja, não sabe reconhecer o seu lugar social. Contudo, é por ter ciência acerca dos seus lugares na sociedade que o negro vem se capacitando e buscando desestabilizar tais discursos reducionistas.

Figura 5: Nego tá pensando que é Ken?



(Disponível em: < <http://imagenscomentariosfacebook.blogspot.com/2015/04/nego-memes-parte-1.html>>. Acesso em: 01/10/19)

A figura 5 estabelece um diálogo com a figura 4 por trazer um discurso que limita e questiona a posição do negro na sociedade. Fazendo uma relação fonética entre o pronome “quem” e o personagem Ken, namorado da boneca Barbie. Contudo, a imagem aponta para dois momentos de leitura: o negro tá pensando que é quem, no sentido de estar confuso no tocante à sua identidade, confundindo-se com o Ken e “nego tá pensando que é ken?” para se relacionar com uma mulher branca. Desta forma, assim como as outras, esta imagem ratifica os discursos hegemônicos que apontam para o negro que, para ter prestígio social, deve se relacionar com mulheres brancas.

Para Bakhtin (2010), há palavras que possuem seu sentido estático, dicionarizado e há palavras que assumem a categoria de Signo Ideológico. Podemos afirmar que a palavra “nego” trata-se de um Signo Ideológico por movimentar em sua configuração história e memória. Nesse caso, o Signo Ideológico “nego” pode indicar afetividade em alguns estados e racismo em outros, isso porque, dependendo do contexto em que é estruturado o enunciado, ele pode remontar a um racismo histórico. Isso mostra que os símbolos não são inocentes e ajudam a propagar ideologias que reduzem e excluem.

Diante disso, é necessário pensarmos: a quem serve tais discursos? De onde eles surgem e o que transmitem? Como mostra o percurso que estabelecemos até aqui, tais discursos, revestidos de humor, serve à comunidade branca e racista que busca perpetuar posições legitimadas pelo discurso racista hegemônico para a comunidade negra. Esses discursos não são contemporâneos, visto que remontam ao século XVI quando começaram as classificações dos seres humanos em raças. Sendo assim, eles perpetuam uma imagem negativa e reducionista do negro, assim como ratifica agressões sofridas no período colonial, quando seus senhores os chamavam de “nego” durante os castigos físicos.

Considerações Finais

Desde o século XVI, quando a Europa se empreendeu a aumentar seus territórios e se estendeu até a África, surgiu a necessidade de criar no imaginário social a imagem de um outro bárbaro e bestial a fim de legitimar a sua dominação. Para isso, assentou-se na concepção de civilizado e dominou o continente. Contudo, tal dominação favoreceu ao povo negro uma história de perdas e apagamento social.

Mais tarde, no Brasil colonial, à imagem animalizada do negro foi somada a ideia de demência e violência, o que fez com que a comunidade negra fosse tratada como objeto, um bem de direito dos brancos. Desta forma, o comércio de negros, forma econômica vigente, foi amparado e legitimado pelo Direito.

Não obstante, o século XIX utilizou-se dos postulados do discurso científico a fim de dar continuidade ao processo de dominação, o qual precisou manter na sua base a imagem desse negro desprovido de inteligência, memória e história. Sendo assim, o processo de subjugação do povo negro foi legitimado tanto pelo discurso religioso quanto pelos discursos filosófico e científico; o que nos leva a afirmar que, em todos os séculos, houve uma política articulada que buscou reduzir o negro a mera força de trabalho para os brancos.

Daí em diante, mudam-se os tempos, mudam-se as formas de dominação. Isso porque, no pós-abolição a comunidade negra foi levada à marginalidade, uma vez que não houve uma política de inclusão capaz de oferecer dignidade a um povo que ganhava a liberdade após 400 anos de escravidão. Contudo, para manter a imagem que justificasse tal barbárie, os negros eram chamados de malandros, preguiçosos, insubmissos, propensos à violência.

Mais tarde, já no início do século XX, o Brasil fabricado pela ótica de Gilberto Freyre foi apresentado aos outros países como uma nação de convivência pacífica entre as raças. Porém, mais tarde, já no final do mesmo século, Fernando Henrique Cardoso foi obrigado a assumir que o país cordial tinha um mal, o racismo, e que precisava ser combatido.

De acordo com Almeida (2018), a sociedade é racista e tal prática não advém de um indivíduo ou grupo, mas encontra-se implantado nas próprias instituições e nas práticas sociais cotidianas. A partir disso, o racismo é naturalizado na consciência e dia a dia da sociedade através de ideias que tornam o preconceito algo natural e uma dessas ideias é que o negro não possui capacidade de liderança, entre outros.

Diante disso, os meios de comunicação e as instituições reforçam o racismo, construindo para o negro lugares de desprestígio social. Assim, revistas, jornais, novelas não retratam a realidade social do negro, mas uma representação social que justifique e legitime

tais lugares de desprestígio. É nesse cenário que se encontra o humor. Ele se vale de um tom aparentemente leve e sutil para propagar discursos de ódio e, portanto, negativos à emancipação negra.

Nesse sentido, a nossa pesquisa buscou apresentar de que modo o humor, assimilado às práticas cotidianas, auxilia na perpetuação de discursos racistas, os quais encontram-se tão naturalizados que passam despercebidos, configurando-se como novas práticas racistas. Aliado a isso, as redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas tornam-se um espaço fecundo desses discursos, uma vez que são lugares de interação social e assimilam diversas subjetividades. Assim, a ideia de liberdade proporcionada pelo ambiente virtual torna os usuários também livres para disseminarem seus posicionamentos sem serem reprimidos.

Através da nossa pesquisa, buscamos mostrar que o gênero *meme* pode ser um veiculador de posicionamentos racistas quando se apropria da imagem do negro, não para apresentar as suas potencialidades, mas para resigná-lo a um espaço de inferioridade social, utilizando uma figura para englobar os negros numa categoria de menor prestígio. Tais figuras são repassadas em momentos de descontração, levando os interlocutores do processo a, através da falsa brincadeira, inculcar os mesmos discursos articulados em séculos passados pela elite “pensante”.

O negro que fala demais, o negro crédulo e ingênuo, como o mínimo de cognição necessária para articular uma subtração, assim como o negro que não reconhece o seu lugar são imagens exploradas a exaustão pelo *meme nego* e repassada diariamente por crianças, adolescentes e adultos da sociedade brasileira. Tais imagens servem de piada no ambiente virtual e chegam até o cotidiano através de comportamentos racistas, os quais não precisamos fazer muito esforço para encontrar nos noticiários ou próximos a nós, numa atitude do familiar ou do vizinho.

Esperamos que a partir dessa breve análise, o interlocutor seja capaz de compreender que não há inocência nessas figuras e elas existem unicamente para perpetuar as formas de dominação racistas na sociedade brasileira. É bem verdade que a veiculação dessas imagens não se restringe apenas a pessoas brancas, negros também comumente as repassam, o que nos leva a compreender esse comportamento com o que Bourdieu (2003) chama de dominação simbólica.

Para o sociólogo francês, a dominação quase sempre acontece no campo do simbólico. Essa forma de violência pode ser considerada a mais danosa, posto que não se apresenta, muitas vezes, de forma concreta, ou seja, suas ações são sutis, ramificadoras e inscreve o dominado no espaço do discurso do dominador, dando ao primeiro a falsa ideia de que não

está sendo dominado. Assim, para Bourdieu (2003), a violência simbólica é o lugar de exercício desse poder simbólico.

Tal fato apenas ratifica a capacidade devastadora do racismo e como ele tem a capacidade de se reinventar a cada século, mudando suas formas de ataque sempre que é desmascarado para logo encontrar novas formas de dominação. Além disso, o seu objetivo é, sobretudo, inscrever o negro nesse espaço de propagação de piadas racistas a fim de anular a sua capacidade crítica em relação a essa dominação.

Portanto, esperamos que a nossa pesquisa seja relevante para, não apenas denunciar o racismo recreativo, mas para proporcionar uma análise crítica no ambiente acadêmico no que tange a essas práticas tão comuns no nosso cotidiano. Isso porque repassar tais figuras é, sobretudo, estar associado aos discursos legitimadores da escravidão negra.

Referências

- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. (1ª edição 1992). Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 262-306.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. (1ª edição 1992). Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 262-306.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DE ALMEIDA, Sílvio Luiz. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In.: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: Reflexões e ensino* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-28.
- MOREIRA, Adilson José. *Racismo Recreativo*. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

PESSI, Bruno Stelmach. O uso de Internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num. 3, vol .2, jul/dez. 2015. In.: ARAÚJO, Eliete Ribeiro. *Representações racistas em memes de internet na sala de aula*. ANPUH-BRASIL – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, RECIFE 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565303503_ARQUIVO_REPRESENTACOESRACISTASEMMEMESDEINTERNETNASALADEAULA.pdf>. Acesso em: 26/09/2019.